

O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO EM UMA PERSPECTIVA CTS – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE USE OF THE NEWSPAPER IN CLASSROOM AS A TOOL FOR EDUCATION IN A CTS PERSPECTIVE – AN EXPERIENCE REPORT

Alex Sandro Lucas dos Santos¹
Alysson Ramos Artuso²

Resumo: O presente artigo consiste em um relato de experiência de um projeto de jornal escolar realizado em uma escola de Ensino Fundamental. Objetivou-se relatar possibilidades de trabalho interdisciplinar e contextualizado, coerente com um enfoque CTS, a partir do trabalho por projetos. Para isso, explana-se sobre a abordagem ciência, tecnologia e sociedade, sobre o trabalho por projetos e detalha-se as condições da escola em que o projeto foi realizado, bem como suas sucessivas etapas em sala de aula. Ao final, defende-se que a prática é enriquecedora e capaz de, entre outros, desenvolver a criticidade e autonomia dos estudantes desde os anos iniciais da escolarização.

Palavras-chave: Trabalho por projetos. Interdisciplinaridade. Ensino Contextualizado. Abordagem CTS. Ensino fundamental.

Abstract: The present paper consists in an experience report of a school newspaper project carried out in a Primary School. The objective was to report possibilities of interdisciplinary and contextual work, consistent with a STS approach, from work projects. To do this, the article explains the science, technology and society approach, the work projects and it details the conditions of the school where the project was carried out, as well as its successive stages in the classroom. In the end, it is argued that the practice is enriching and capable of, among others, developing students' criticality and autonomy since the earliest years of schooling.

Keywords: Work projects. Interdisciplinarity. Contextualized Teaching. STS approach. Primary School.

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica, ProfEPT/IFPR. pralexandro@yahoo.com.br.

² Doutor em Métodos Numéricos (UFPR), Mestre em Educação (UFPR), docente do ProfEPT/IFPR e PPGCTS/IFPR. alysson.artuso@ifpr.edu.br

INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, contextualização é o ato de vinculação entre o conhecimento e sua vinculação com sua prática social, ou seja, a vinculação daquilo que se aprende e sua aplicabilidade no cotidiano. Já a interdisciplinaridade refere-se a ligação de duas ou mais disciplinas em prol da dinamicidade dos conteúdos e a maior assimilação dos conteúdos que são vistas sob ótica diferentes nas particularidades de cada matéria. Ambas práticas pedagógicas são parte da abordagem CTS e estão presentes nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), nas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) e em outros documentos norteadores. Juntos, eles orientam aos educadores que incluam a abordagem CTS, a interdisciplinaridade e a contextualização em suas práxis pedagógicas.

Se por um lado é inegável a importância do uso do ensino contextualizado, do enfoque CTS e da interdisciplinaridade nos currículos e planejamentos dos professores, por outro encontramos desafios na implantação dessas práticas em sala de aula, quer seja pela precariedade de estrutura física, de materiais pedagógicos ou até mesmo carência de formações que capacitem o professor para tal.

Buscou-se, então, relatar por meio desse artigo um relato de experiência conduzido por um dos autores em um projeto de criação de um jornal elaborado de forma conjunta entre o professor e os alunos. Partiu-se de uma abordagem CTS e de sua correlação com a interdisciplinaridade e o ensino contextualizado. Para tal relato, dividiu-se o texto em cinco partes: A abordagem CTS, A escola onde ocorreu o projeto; O trabalho por projetos, O projeto jornal do Nilse; e Considerações finais.

1 A ABORDAGEM CTS

Estamos imersos em um mundo profundamente influenciado pela ciência e tecnologia, a ponto de se poder falar em “uma autonomização da razão científica em todas as esferas do comportamento humano” (SANTOS e MORTIMER, 2000, p. 110). Daí resultou certa crença no progresso científico e tecnológica, na confiança quase divina que a sociedade deposita nesses campos para resolver os problemas humanos. Bazzo (1998) argumenta, inclusive, que o comportamento humano passou a seguir a lógica da eficácia tecnológica e suas razões passaram a ser as das Ciências. Essa supervalorização da Ciência gerou vários mitos, como sua suposta neutralidade e descolamento das individualidades e das questões políticas e sociais (JAPIASSU, 1999).

De certa forma, o campo CTS surge justamente a partir da tomada de consciência dos ambientes de produção científica e tecnológica, seus efeitos e aplicações. Questiona-se, assim, “questões éticas, a qualidade de vida da sociedade industrializada, a necessidade da participação popular nas decisões públicas, estas cada vez mais sob o controle de uma elite que detém o conhecimento científico e, sobretudo, o medo e a frustração decorrentes dos excessos tecnológicos” (SANTOS e MORTIMER, 2000, p. 113).

No campo do ensino, isso se reflete em uma abordagem que seja capaz, entre outros, de contextualizar a produção científica, discutir suas implicações e explicitar as relações existentes entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Tais aspectos, é claro, não se restringem às Ciências da Natureza, mas fazem parte também das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguísticas, Matemáticas e assim por diante. Ou seja, além de contextualizada, trata-se de uma proposta inerentemente interdisciplinar, na qual vários olhares são convidados a fazer parte do debate científico, social, político, econômico e cultural. O objetivo principal é promover, a longo prazo, uma educação científica e tecnológica dos cidadãos, no sentido de auxiliar os estudantes a construir e desenvolver conhecimentos, capacidades e valores necessários para tomar decisões responsáveis sobre questões pertinentes da sociedade e ser capaz de atuar para a solução dessas questões.

Assim, foi proposta uma abordagem nessa perspectiva para alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Nilse de Freitas. Para isso, foi escolhida a metodologia de trabalho por projetos, propondo-se a produção de um jornal de modo a permitir a problematização de aspectos do enfoque CTS de maneira ampla, contextualizada e interdisciplinar.

2 A ESCOLA PROFESSORA NILSE DE FREITAS

A Escola Municipal Prof^a Nilse de Freitas está localizada na Vila Brasil, cidade de Ourinhos/SP. Foi fundada em 1975 e naquele período era uma escola estadual que já atendia como modalidade o ciclo de alfabetização e formação primária. Foi municipalizada no ano de 1999 e hoje mantém 20 salas de aula de Ensino Fundamental I, estando estas divididas em dois turnos de estudo: manhã e tarde.

A escola atende em sua maioria alunos de famílias de classe trabalhadora, em especial trabalhadores rurais e tem um percentual alto de alunos em vulnerabilidade econômica, em razão das dificuldades de inserção por parte destas famílias no campo do trabalho. São 60 funcionários entre profissionais de atendimento administrativo, cozinha, limpeza, professores e gestão e atende em média 415 alunos do bairro e, alguns – muito poucos – de locais mais afastados.

Em seus espaços educativos conta com laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE), quadra de esportes coberta, cozinha, refeitório, sala de leitura, pátio coberto e banheiros internos. Na gestão, três pessoas ocupam as funções de cunho administrativo e pedagógico, sendo duas em cada nível com as seguintes funções: Diretora de Unidade Escolar, Vice-diretor de Unidade Escolar e Coordenadora Pedagógica.

A escola traz em suas concepções pedagógicas, um Projeto Político Pedagógico construído nos princípios estabelecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Ourinhos, que tem uma visão de educação centrada em quatro eixos de ação:

- a) O trabalho do professor em processo constante de atualização;

- b) Boas condições de ensino/aprendizagem para todos os alunos;
- c) Implementação de projetos curriculares que auxiliem o desenvolvimento intelectual e social da criança e;
- d) Criança e Família envolvidas e estimuladas para o questionamento e a participação da rotina escolar de seus filhos.

Com relação ao seu desempenho nas avaliações externas, ainda que isso pudesse ser muito problematizado, o IDEB da escola em 2013 foi de 5,3 e ainda que a escola tenha apresentado evolução, não atingiu sua meta de 5,7, encontrando-se em estado de atenção. A escola apresentou proficiência de 48% nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, sendo possível constatar que quase a metade dos alunos desenvolveram as habilidades esperadas para série, isto é razoável, mas o objetivo da escola, como o compreendemos, é que nenhum aluno deixe de aprender, meta ainda muito distante, mesmo com todos os problemas do que é e de como medir a aprendizagem.

Para o corpo docente, os percentuais citados não são mais elevados por causa de fatores relacionados com a falta do hábito de estudo e o não envolvimento da família no acompanhamento da evolução da aprendizagem.

No ano de 2015, o índice de reprovação foi de 34,8%, sendo que as séries que apresentaram resultados mais baixos foram as 3ª séries com 16% de reprovação e os 4º anos com 17,4%.

3 O TRABALHO POR PROJETOS

O relato a seguir exemplificará a metodologia de trabalho por projetos utilizada pelo professor. Tal metodologia, inserida entre as principais metodologias ativas, preconiza-se o protagonismo do educando enquanto agente ativo do seu processo de ensino aprendizagem, a não fragmentação de conteúdos e sua contextualização com o cotidiano do educando.

Reorganizar o currículo por projetos, em vez das tradicionais disciplinas, é a principal proposta do educador espanhol Fernando Hernández. Ele se baseia nas ideias de John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-

americano que defendia a relação da vida com a sociedade, dos meios com os fins e da teoria com a prática.

Segundo Portes (2005, p. 2),

A organização de projetos se constitui como a construção de uma prática pedagógica centrada na formação global dos alunos. O projeto é uma atitude intencional, um plano de trabalho, um conjunto de tarefas que tendem a um progressivo envolvimento individual e social do aluno nas atividades empreendidas voluntariamente, por ele e pelo grupo, sob a coordenação de um professor. Portanto, um projeto situa-se como uma proposta de intervenção pedagógica que dá à atividade de aprender um sentido novo, no qual as necessidades de aprendizagem afloram na tentativa de se resolver situações problemáticas. Um projeto gera situações de aprendizagem, ao mesmo tempo reais e diversificadas. Favorece assim a construção da autonomia e da autodisciplina por meio de situações criadas em sala de aula para a reflexão, discussão, tomada de decisão, observância de combinados e críticas em torno do trabalho em andamento proporcionado ao aluno, ainda, a implementação do seu compromisso com o social, tornando-o sujeito do seu próprio conhecimento.

Seu objetivo, ainda segundo Portes (2005, p. 3), é:

[...] resolver questões relevantes para o grupo, gerar necessidades de aprendizagem, ou seja, tornar a aprendizagem ativa, interessante, significativa, real e atrativa para o aluno, englobando a educação em um plano de trabalho agradável, sem impor os conteúdos programáticos de forma autoritária. Assim o aluno lê, conversa faz investigações, formula hipóteses, anota dados, calcula, reúne o necessário e, por fim, converte tudo isso em pontos de partida para a construção e ampliação do conhecimento.

O trabalho por projetos propõe que os saberes escolares estejam integrados com os saberes sociais, incluído os saberes extra escolares e apropriação das práticas sociais do mundo do trabalho, pois durante o processo de ensino-aprendizagem, o aluno reconhece sentido e significado em seu objeto de estudo bem como vinculação com o mundo real e suas futuras práticas sociais, assim compreende o seu valor e desenvolve uma postura indispensável para a resolução de problemas sociais se enxergando como protagonista do processo educativo. Trata-se de uma grande potencialidade para o enfoque CTS.

Hernández (1998, p. 61) descreve a importância de trabalhar com projetos, pois dessa maneira

Aproxima-se da identidade dos alunos e favorece a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da escola não é apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem. Revisar a organização do currículo por disciplinas e a

maneira de situá-lo no tempo e no espaço escolares. O que torna necessária a proposta de um currículo que não seja uma representação do conhecimento fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas, sim, solução de continuidade. Levando em conta o que acontece fora da escola, nas transformações sociais e nos saberes, a enorme produção de informação que caracteriza a sociedade atual, e aprender a dialogar de uma maneira crítica com todos esses fenômenos.

Segundo Silva (2010, p. 243), uma alteração curricular direcionada para o trabalho por meio de projetos é importante uma vez que:

A construção de projetos dentro desta proposta pedagógica permite que o aluno possa viver os fatos reais estando aberto a múltiplas relações, permitindo-lhe trabalhar com suas próprias ideias sem depender das escolhas dos adultos, além de decidir e de se comprometer com as escolhas através de suas ações e de seus aprendizados o que favorecerá maior responsabilidades nas decisões que couber a cada indivíduo. Portanto ao interpretar a realidade e dar significado a ela, torna-se, assim, o indivíduo cada vez mais autônomo em seu processo de formação, pois o conhecimento passa a ser fundamental nas relações com o meio em que vive, favorecendo melhor compreensão da realidade do contexto do social, educacional, político e econômico.

4 O PROJETO JORNAL DO NILSE

A primeira edição do projeto Jornal do Nilse aconteceu no ano de 2016, com os alunos de uma sala de 4º ano do Ensino Fundamental, cuja faixa etária típica é de 9 anos. A segunda edição, em 2017, é a do presente relato. Ambas foram conduzidas por um professor polivalente do quadro efetivo do município. O projeto integra o currículo do bimestre e os alunos são convidados a produzir um jornal de forma a converter as matérias presentes na matriz curricular em reportagens jornalísticas, além de outras matérias de interesse dos estudantes e da comunidade. Ao término do processo de pesquisa e escrita do jornal é organizado um lançamento do jornal em um mural, bem como a entrega de algumas cópias para as salas de aulas, familiares, convidados e estudantes. Esse estudo acompanhou o projeto do jornal do 4º bimestre do ano de 2017.

4.1 Uso Do Jornal em Sala de Aula

O trabalho pedagógico que contempla o jornal como ferramenta de ensino aprendizagem é válida uma vez que o mesmo auxilia na construção de conhecimento de mundo do estudante, amplia o repertório cultural do aluno, e ajuda na formação de leitores letrados, devido a multiplicidade de gêneros textuais presentes no mesmo. Também os faz refletir, ainda que não nesses termos, sobre o papel dessa tecnologia na sociedade. Afinal, o jornal se apresenta como uma fonte respeitada de propagação de conhecimento de mundo, de comunicação, de raciocínio lógico, de criticidade, de pesquisa e registro histórico. Vale lembrar que mesmo com os avanços tecnológicos que indubitavelmente ressignificaram o acesso a informação, o jornal continua possuindo um papel relevante na produção e registro da informação/conhecimento, e está presente na vida de grande parte dos brasileiros, seja no meio impresso ou digital.

O jornal escolar permite potencializar conteúdos interdisciplinares, rompendo com características do ensino tradicional, que valorizavam apenas ouvir e reproduzir de forma igual o que lhe foi transmitido, sem, contudo, produzir o real significado daquele conhecimento, ou ainda vinculação com o seu cotidiano. Ao trabalhar-se com a proposta de jornal escolar, o educando passa a ser um pesquisador, emitindo informações e opiniões que fortalecem seu conhecimento, além de questionar o próprio conhecimento.

[...] o jornal escolar se apoia não só no conhecimento da imprensa escrita, como em uma atitude crítica a seu respeito, a ser desenvolvida durante os trabalhos de elaboração do jornal escolar. Por outro lado, considerando-se que os jornais, pela sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, ele é um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade. (FARIAS e ZANCHETTA JR, 2005, p. 141).

No segmento do Ensino Fundamental o mesmo torna-se ainda mais relevante haja vista que os alunos estão em processo de aquisição do domínio da leitura e escrita e do seu uso letrado para uma prática social, assim nessa perspectiva o aprendizado da língua materna se dá através da interação, e do conhecimento da aplicabilidade da mesma na relação do eu com o mundo em

minha volta, logo temos nesse sentido, um aluno interessado em realizar suas iniciais representações de significantes e significados.

[...] hoje, a escrita como prática social é indispensável para um número cada vez maior de cidadãos dentro das instituições em que vivem. Do nível pessoal, familiar ao nível profissional, cada vez mais as pessoas têm necessidade de desenvolver suas capacidades em relação à linguagem escrita para seguir adiante seus projetos de vida (BALTAR, 2003, p. 82-3)

A leitura e escrita são práticas que se relacionam e se complementam, no trabalho com jornal essas vertentes estão presentes. Conforme os PCN de Língua Portuguesa, o trabalho com leitura tem como “finalidade a formação de leitores competentes, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de intertextualidade e fontes de referências modelizadoras” (BRASIL, 1997, p. 53). Fica, portanto, evidenciado que o jornal quando é uma prática social constante em sala de aula pode auxiliar para o enriquecimento do ensino e aprendizado da leitura e escrita, uma vez que aborda diferentes gêneros textuais que exigem habilidade de leitura e escrita, criticidade e habilidades de inferências por parte do seu leitor.

Sampaio (2007, p. 81) propõe ainda que o uso do jornal em sala de aula, seja ofertado de forma contextualizada, e não como um mero pretexto:

As crianças precisam ter acesso, no cotidiano da escola, a textos variados que circulam no mundo da escrita. E esses textos, incluindo e salientando o jornal, não podem ser usados como pretexto para o ensino da ortografia, ou da gramática, ou recortar letras e/ou sílabas, ou para o lançamento de palavras-chave com exercícios cujo objetivo seja identificação, repetição e memorização dos “conteúdos programáticos”

Assim é importante que o jornal seja abordado em sala de aula em uma perspectiva que valorize a apreciação do jornal, de sua função social, e de sua necessidade como ferramenta de propagação da informação e conhecimento de mundo.

Por sua vez entendemos que o jornal em sala de aula é um instrumento válido pois pode contribuir com a aquisição do letramento do educando e sua leitura como prática social, uma vez que ao ler sobre determinado conteúdo é possível que o mesmo entenda a produção de sentido feita pelo autor da matéria, e por conseguinte produza, a partir da criticidade, sua própria

produção de sentido, além de realizar múltiplos diálogos com outros textos e assuntos presentes em sua vivência enquanto leitor, potencializando assim a sua leitura e escrita num viés de prática social.

4.2 Processo de Criação do Jornal

No acompanhamento das etapas do processo de criação e desenvolvimento do jornal, foi possível verificar os passos que o professor seguiu ao longo do seu projeto. A explanação dessas etapas tem como objetivo apenas de ilustrar o caminho trilhado pelo educador, não resultando em uma fórmula engessada para se seguir em um projeto como esse, principalmente porque o professor desse estudo utiliza-se da metodologia de trabalho por projetos, metodologia essa explicitada adiante. Por ora é importante frisar que essa metodologia contempla a particularidade e protagonismo de cada aluno, que tem autonomia em seu percurso formativo e influência nas etapas de desenvolvimento do projeto. Assim posto, é possível inferir que o mesmo projeto poderia sofrer alterações em suas etapas e processos se aplicado em outra turma, ainda que pelo mesmo professor, levando-se em conta as premissas dessa metodologia.

A seguir detalharemos as etapas seguidas pelo professor, em uma abordagem qualitativa.

4.2.1 Apresentação do projeto

Para iniciar o projeto, o professor realizou algumas perguntas para a turma, no sentido de estabelecer um diálogo com os alunos, e verificar os conhecimentos prévios dos mesmos sobre o assunto, o professor se sentou no chão da sala juntamente com os demais alunos, em um círculo, dando para a conversa estabelecida um tom de informalidade, os alunos não escreveram as perguntas e as respostas, tudo foi realizado oralmente, sendo necessária a intervenção por parte do professor nas vezes em que vários alunos gostariam de ter a palavra ao mesmo tempo e nas vezes em que a conversa seguia para

outros rumos, como relatos de experiências pessoais por parte dos alunos. As perguntas e as respostas foram desenvolvidas da seguinte forma:

1) Vocês conhecem o que é um jornal?

Os alunos em sua integralidade remeteram suas lembranças ao jornal televisivo, recordaram-se que algumas vezes os seus familiares já tinham assistido o jornal pela televisão, alguns já tinham assistido alguma reportagem como uma tragédia envolvendo um time de futebol, e matérias sobre política, assunto que foi amplamente comentado pela turma. Apenas um aluno mencionou o jornal escrito, recordando que seu avô gostava de ler um jornal aos domingos. Nesse momento o professor explicou que havia várias maneiras de se produzir um jornal, mas disse que em breve falaria sobre esse assunto com a turma, assim seguiu para a segunda pergunta.

2) Na opinião de vocês para que serve um jornal?

Nessa indagação os alunos expuseram que o jornal servia contar sobre as coisas que acontecem. A partir disso o professor conceituou que as coisas que acontecem na cidade, no país e no mundo, nós chamamos de informação e que essa seria a principal razão do jornal. Além dessa informação, os alunos relataram que no jornal tinha também a informação sobre o tempo e sobre jogos de futebol. O professor concordou que essas também eram tipos de informação e pediu que eles retornassem a mesa pois eles fariam uma atividade antes de continuarem as perguntas.

No retorno as mesas, o educador solicitou que os alunos sentassem em dupla e entregou um jornal impresso para cada dupla. Em seguida, explicou aos alunos que além do jornal na televisão existiam outros formatos de jornal que propagavam-se por outros veículos de comunicação, como no rádio, na internet, em blogs e o impresso. Era este que trouxera para cada dupla folhear e conhecer.

Durante a atividade, foi possível verificar que os alunos pouco tinham vivência com a leitura de jornal. No início, os alunos demonstraram pouca habilidade com o manuseio do jornal, a interpretação das colunas e do começo

e fim de cada reportagem. Foi necessária a constante intervenção por parte do professor para auxiliá-los na leitura.

Ao término dessa etapa os alunos estavam interessados nas leituras e em partes do jornal. Como era o final da aula, o professor sugeriu como tarefa de casa ler ou assistir um jornal com a família para que pudessem continuar os trabalhos no próximo dia.

No dia seguinte o professor retomou a roda de conversa da aula passada, perguntando como foi a experiência de assistir ou ler um jornal em família. Pelo menos 50% dos alunos não fizeram a atividade, pois, segundo eles próprios, não possuíam jornal impresso em casa e os seus familiares estavam assistindo outras programações na televisão. De certa maneira, isso pode indicar uma correlação entre a baixa vivência dos alunos com o jornal e o baixo interesse familiar daquela comunidade no jornal. O professor não cobrou aos alunos que não realizaram a atividade, antes deu voz aos alunos que realizaram a atividade e aos poucos integrou na conversa os que não a fizeram.

Após o conhecimento de mundo dos alunos um pouco ampliado sobre o assunto, o professor mostrou um jornal impresso realizado pelos seus alunos do ano anterior e informou que foi algo construído pelos próprios estudante, ainda que contando com o seu auxílio. Ao verificar o interesse por parte da turma, o professor perguntou se eles gostariam de realizar um projeto semelhante.

Em resposta, todos os alunos mostraram-se motivados em realizar o projeto. O professor ressaltou que era um projeto extenso e que todos deveriam participar, que as funções seriam divididas e durante o projeto eles acumulariam, além da função de alunos, a de jornalistas. Na sequência, foi feita uma breve explicação sobre a importância da profissão e sua responsabilidade social.

Finalizando a aula, o professor passou como tarefa uma redação onde os educandos deveriam escrever como imaginavam que se fazia um jornal, quais profissionais trabalhavam nele e suas possíveis funções, além de tentar descrever e o dia a dia de um jornal. O professor orientou que os alunos podiam, caso quisessem, perguntar a familiares ou pesquisarem sobre o

assunto. Juntamente com o texto a ser entregue, o professor lançou uma pergunta de desafio para a turma: os alunos deveriam responder, sem o uso de pesquisas externas, o que imaginariam ser a função de um editor em um jornal. Informou que não haveria problema em respostas tidas como erradas, pois os textos serviriam apenas como base para a próxima aula

4.2.2 Conhecendo as funções do jornal e pesquisa de campo

Na aula seguinte o professor retomou a roda, dessa vez utilizando-se das carteiras, e pediu que alguns alunos lessem os seus textos. Foi possível perceber que mesmo com o processo de pesquisa, as informações trazidas pouco refletiam sobre a realidade de um jornal. Foi possível identificar que mesmo os alunos que utilizaram a internet para a pesquisa não souberam como proceder de modo a utilizar essa ferramenta de forma eficiente. Quanto ao desafio os alunos também não trouxeram informações que dialogassem com as funções do editor.

Após isso, o professor disse que ele tinha uma pequena noção das funções de um jornalista, mas que gostaria de realizar uma pesquisa conjunta para que os alunos tivessem uma visão mais detalhada das funções de um jornal. Assim, valendo-se de um laptop, o professor convidou os alunos para que se sentassem junto dele para pesquisarem na internet. Ficou claro o objetivo de ensinar, a partir da exemplificação, como realizar uma pesquisa na internet. Feito isso, alunos e professor selecionaram um texto que explicavam as funções do jornal. Após a leitura e debate, o professor passou o texto no quadro e os alunos copiaram o texto.

Na sequência, o professor explicou aos alunos que sempre que fosse necessário resolver algo sobre o jornal, isso deveria ser decidido nas reuniões de pauta. Explicou que nos jornais tudo o que é feito é decidido na reunião de pauta: matérias, fotos, ordem e prioridade de publicação, entre outros assuntos. Para a primeira reunião de pauta, o professor levou aos alunos que seria necessário que eles escolhessem quais as matérias que deveriam fazer parte do jornal. Todos puderam expor suas ideias, inclusive o professor e, ao final, havia uma lista com várias sugestões.

Com a lista de sugestões em mãos o professor propôs que o maior poder de decisão estava com o público leitor, pois, a princípio, há a preocupação dos jornais em escrever informações que interessem o seu leitor, que será o cliente que comprará e pagará para ler a matéria. Nesse sentido, os jornais realizavam uma pesquisa de campo, afim de saber os interesses do seu público leitor. Com essa sugestão, os participantes do projeto visitaram as demais salas de aula afim de realizar uma pesquisa de campo. Durante essa visita, o professor ficou responsável por apresentar a turma e explicar a motivação da visita e cada aluno por sua vez, ficou responsável por fazer a pesquisa de interesse de uma matéria. Essa atividade durou dois dias de aula e, ao término do processo, o professor reuniu novamente os estudantes e explicou que seria interessante montar um gráfico para que todos pudessem visualizar melhor a preferência dos futuros leitores.

Como eles desconheciam o que era um gráfico e suas funcionalidades, foi necessário que o professor ministrasse uma aula sobre gráficos. Após isso, cada aluno foi incumbido de realizar um gráfico de sua matéria e depois, coletivamente, registrá-los em um cartaz.

Após a decisão em nova reunião de pauta acerca das matérias produzidas, o professor as repartiu entre os grupos de alunos, que deveriam a partir de então pesquisar e escrever as matérias. Elas seriam trazidas para a discussão nas reuniões de pauta seguintes e, se os alunos precisassem, poderiam contar com o auxílio do professor, uma vez que nas divisões de tarefa o docente ficou com a função de editor chefe.

4.2.3 Processo de entrevistas e escrita

Durante o processo de entrevistas e escrita, foi possível constatar que a concepção das aulas daquela sala sofreu uma reorganização, visto que a estrutura de aulas expositivas e alunos sentados enfileirados com matérias específicas para cumprir no roteiro do dia deu lugar ao um ambiente educativo no mínimo diferente.

Ressaltamos que, por pelo menos duas semanas inteiras, os alunos só se reuniam para discutir a evolução de suas pesquisas durante as reuniões de

pauta. Nesse momento todos tomavam conhecimento do resultado prévio de cada um e podiam contribuir com sugestões e indicações. Foram esses os momentos mais ricos para discutir relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade, pois foram neles que alguns conceitos de responsabilidade social do jornal vinham à tona. Um exemplo foi quando um estudante gostaria de emitir a sua opinião pessoal sobre determinado assunto, em vez de se ater aos fatos. Outro foi quando um aluno se sentiu tentado a fazer matérias a partir de perguntas que não eram pertinentes ao jornal, mas que ele enquanto pessoa gostaria de saber. Nos primeiros momentos o professor realizava a intervenção explicando novamente sobre ética, manipulação do pensamento e decisões coletivas, porém, após alguns dias os próprios alunos já se ajudavam nesse sentido.

Após as reuniões de pauta, os alunos se espalhavam pelos espaços escolares. Alguns saíam em grupo pela escola afim de colher dados para suas matérias, na sala de aula ficavam os que já estavam escrevendo suas matérias, na biblioteca os que estavam fazendo pesquisa bibliográfica, no laboratório os que já tinham tido os seus textos revisados e estavam digitando as suas matérias com o auxílio do professor de informática, no corredor ou em outras salas os que estavam realizando entrevistas com estudantes, funcionários e membros da comunidade convidados a vir a escola para concederem entrevistas. Cabia o professor polivalente o dever de visitar esses espaços pedagógicos afim de orientar os grupos.

Foi possível perceber que os alunos não estavam acostumados com essa autonomia e por vezes se dispersavam de suas atividades para conversarem e brincarem entre si. Por vezes foi necessário o auxílio de algum funcionário para chamar a atenção dos estudantes, contudo, percebeu-se que após alguns dias eles já se acostumavam com essa nova rotina e não apresentavam tanta dispersão, até porque nas reuniões de pauta aqueles que se dispersavam eram repreendidos pelo restante do grupo, haja vista que havia um prazo de entrega.

Outro ponto é que nas reuniões de pauta decidiu-se por retirar algumas matérias da publicação em razão da extensão do jornal e do pouco tempo até a data de lançamento.

Para finalizar o tópico, é importante ressaltar que nessas reuniões havia um espaço de diálogo sobre a coletividade e desempenho do grupo, bem como a responsabilidade jornalística. Durante o processo houve queixas de alunos que não contribuíam com o grupo como se esperava, grupos que não realizavam a contento e no prazo as tarefas exigidas por não existir a responsabilidade necessária para aquela ação, entre outras questões. Nessas ocasiões, alguns grupos eram indicados para ajudar aqueles que tinham maiores dificuldades. Notou-se que essas situações propiciaram um debate de modo informal sobre o mundo do trabalho, as relações sociais no trabalho e suas funções, noções sobre produtividade e cooperação, entre outras questões. Como o professor motivava que os alunos encarassem aquela situação como se fosse vivida em um ambiente de trabalho real, isso contribuía para que os alunos refletissem sobre o mundo do trabalho e alguns deles compartilhavam situações parecidas relatadas pelos pais.

4.2.4 Processo de edição e diagramação do jornal

O professor convidou uma professora de Informática de outra escola, que já tinha participado com ele no ano anterior, para auxiliar no processo de edição e diagramação do jornal. Dessa feita, o professor explicou como funcionava o processo de edição e diagramação em linhas gerais, uma vez que não detinha total conhecimento sobre essa área. Inicialmente, a professora de Informática viria visitá-los e passar maiores informações do processo, que era de seu domínio. Contudo, devido à distância entre as escolas e o fato de a professora se encontrar gestante, as conversas não foram presenciais, mas ocorreram entre o grupo por e-mail e pelo aplicativo WhatsApp de ambos professores, com participação ativa da turma. Assim, as dúvidas eram tiradas, fotos e informações complementares eram enviadas e o projeto ia tomando formato.

4.2.5 Produto Final: Lançamento do Jornal

Após o processo de criação e edição do jornal, o mesmo estava pronto e o professor e os alunos resolveram criar um evento de lançamento da segunda edição do jornal do Nilse afim de divulgar para os demais alunos e a comunidade o trabalho realizado. Para tanto, realizaram uma reunião para definir como seria o evento. Notou-se que os alunos estavam ansiosos para divulgar o seu projeto, visto que se identificaram com ele. Foi decidido que fariam um convite em formato de notícia, para convidar os familiares e algumas autoridades da escola e da Secretaria de Educação. A notícia do convite foi criada de forma coletiva, com o professor realizando a mediação, escrevendo os textos sugeridos no quadro e fazendo inferências quando era necessário. Após isso a professora que fez a diagramação discutiu com os alunos os modelos de convite, até chegarem em um consenso coletivo.

No dia da inauguração, estiveram presentes cerca de 70% dos familiares, uma porcentagem significativa ao se creditar que o evento ocorreu em um dia de semana, às 8:00 horas da manhã. Também estiveram presentes autoridades ligadas à Secretaria de Educação, funcionários e alunos da escola. Como convidada especial, houve uma jornalista de um jornal local. Ela teve uma fala especial contando um pouco da rotina de um jornalista e exemplificando quais foram os passos seguidos pelos alunos que dialogavam com a prática laboral dos jornalistas.

A experiência foi enriquecedora haja vista que durante o processo os alunos realizaram uma pesquisa para saber um pouco mais sobre a profissão de um jornalista e seus diversos segmentos de atuação, na qual discutiu-se sobre a formação desse profissional, a não obrigatoriedade de um diploma para a atuação e registro na área, o impacto disso na carreira e remuneração desse profissional, os bordões geralmente utilizados pelos jornalistas, entre outras características desse profissional. Logo a presença de um profissional para conceder um pequeno bate-papo foi bem interessante e, devido a esse conhecimento prévio por parte dos estudantes, foi possível estabelecer um diálogo bem produtivo, inclusive no desenvolvimento da criticidade quanto à produção jornalística.

Após esse momento, abriu-se a fala para pessoas que queriam prestar algum depoimento sobre o processo de criação do jornal. Prestaram depoimentos a coordenadora da escola, uma profissional da Secretaria de Educação e dois alunos. Um deles foi acompanhado da mãe, que contou sobre como foi a experiência de participar juntamente com o filho na criação do jornal e no processo de pesquisa, em casa. Segundo essa mãe o filho ficou desinibido e melhorou a comunicação durante esse projeto.

Por fim, os alunos leram o editorial do jornal, entregaram algumas versões impressas para os convidados e familiares e cortaram a fita de um mural grande, onde uma cópia do jornal foi anexada em um formato maior, sendo possível que os demais alunos da escola pudessem ler durante o intervalo. Cada sala também recebeu algumas versões impressas para a leitura dos alunos dessas salas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente relato de experiência identificou-se que o projeto de jornal escolar, trabalhado através da metodologia de projetos, apresentou-se como uma possibilidade de trabalho que contemple o enfoque CTS, a interdisciplinaridade e o ensino contextualizado. Durante o projeto notou-se que foram ministrados conteúdos presentes no currículo do Ensino Fundamental, tais como: frações, tempos verbais, gramática e ortografia, alimentação saudável, corpo humano, entre outros. A responsabilidade na difusão desse conhecimento científico, o início de uma consciência do papel da mídia nessa difusão e seus efeitos e impactos na sociedade puderam ser vivenciados pelos estudantes. Também é preciso destacar a interação e o interesse dos alunos ao longo do projeto, e sua consequente interação com os familiares nas atividades para casa.

Cabe também ressaltar a existência de fatores que poderiam impulsionar o uso do trabalho por projetos na escola e motivar outros docentes a adotá-lo. Na escola em que foi realizado o projeto, não há jornais e nem revistas, logo os jornais conseguidos pelo professor vieram de doações e não eram atuais.

Considerando que as notícias são atualizadas diariamente, esse fator dificultou que o professor fizesse uma leitura compartilhada e pudesse dar exemplos claros de estrutura textual de um jornal devido à multiplicidade de textos, periódicos e datas de publicação. A escola possui apenas um laboratório de informática e esse é usado 90% do tempo em aulas de Informática, o que também impossibilitou de que muitas das principais atividades de diagramação e pesquisa ocorressem naquele local. Como alternativa, o professor utilizou-se do seu laptop, porém o mesmo é pequeno e não consegue atender de forma satisfatória a um número expressivo de alunos. Por fim, a escola não possuía recursos financeiros, tampouco os familiares, e isso impossibilitou que um número maior de impressões fosse feita para distribuição aos alunos. Foi necessário que o professor utilizasse de recursos próprios e a alternativa encontrada foi a de realizar uma impressão ampliada do jornal para fixação no mural da escola de modo que os demais estudantes tivessem acesso de forma irrestrita.

Por se tratar da primeira etapa do Ensino Fundamental e, assim, o professor ser polivalente, a interdisciplinaridade é facilitada. Contudo, destaca-se a participação de outros dois professores, o que contribui para a construção de uma rede de conhecimento maior e integrada.

O projeto jornal escolar apresentou-se como uma ferramenta de ensino interdisciplinar, contextualizado, lúdico e passível de se alinhar com pressupostos da abordagem CTS. Através dele foi possível potencializar nos estudantes a leitura, o letramento e a criticidade; ampliar o repertório cultural; debater noções sobre ética e pesquisa, meios de pesquisa e divulgação; trabalhar diferentes gêneros textuais; ter noções de vivência do mundo do trabalho; gestão cooperativa, coletiva e democrática; entre outros aprendizados que dificilmente caberiam em um currículo de cunho tradicionalista. Convidar o aluno para que ele participe da construção do seu conhecimento, tenha voz e possa propor ideias e opiniões, propiciar momentos de aproximação entre educador e educando, mostrando que ninguém é detentor soberano do conhecimento, cria laços importantes entre os pares, autonomia e iniciativa, de modo que o conjunto de fatores é capaz de favorecer a construção de saberes e experiências educativas que podem ser levadas por toda a vida.

REFERÊNCIAS

BALTAR, M. A. R. **A competência discursiva através dos gêneros textuais:** uma experiência com o jornal de sala de aula. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BAZZO, W. A. **Ciência, tecnologia e sociedade:** o contexto da educação tecnológica. Florianópolis: EDUFSC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA JR, J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Editora Contexto, 2005.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e Mudança na Educação:** Os projetos de trabalho. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho:** O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

JAPIASSU, H. **Um desafio à educação:** repensar a pedagogia científica. São Paulo: Letras & Letras, 1999.

PORTES, K. A. C. A Organização Curricular por Projetos de Trabalho. **Revista Virtú – ICH**, Rio de Janeiro, v. 2, n. especial, jul./dez. 2005.

SAMPAIO, C. S. **É de verde que se torce o pepino?** Quesitos e caminhos para a conquista do hábito de leitura. In: SILVA, E. T. (org.) **O jornal na vida do professor e no trabalho docente.** São Paulo: Global; Campinas: ALB - Associação de Leitura do Brasil, 2007.

SANTOS, W. L. P.; MORTIMER, E. F. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência – Tecnologia – Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p.110-132, jul./dez. 2000.

SILVIA, L P; TAVARES, H M. Pedagogia de projetos: inovação no campo educacional. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 236- 245, 2010.

Revista Mundi Sociais e Humanidades. Curitiba, PR, v.3, n.1, mar. 2018.

Edição especial – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade do IFPR

Editores – Cíntia de Souza Batista Tortato

Rogério Baptistella